

«AO LONGO DA RIBEIRA»  
ROMANCE DE BERNARDIM RIBEIRO

Fixação de texto e notas  
por Mauricio Matos \*

a Cleonice Berardinelli  
e Helder Macedo

1. Nota Preliminar:

Lisboa, 1645. Vem à luz a quarta edição da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, a única publicada no século XVII e a primeira a incluir o romance <sup>1</sup> «Ao longo da ribeira», publicado anteriormente, como único poema em português, apenas no chamado *Cancionero de Romances* s. a. (Amberes), datável entre 1545 e 1550 <sup>2</sup>, anterior portanto às edições quinhentistas da novela (Ferrara, 1554; Évora, 1557; Colônia, 1559). *Ao Longo da Ribeira* viria a ser ainda editado em 1785 (Lisboa), data a partir da qual, com maior ou menor regularidade, passa a integrar o *corpus* da obra bernardiniana. A última edição do romance encontra-se nas *Obras Completas de Bernardim Ribeiro* (volume II), prefaciadas e anotadas por Aquilino Ribeiro e Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1950.

Todavia, ainda no curso da década de 1950, Eugenio Asensio descobriria um manuscrito quinhentista (ca. 1545) contendo diversas obras portuguesas, entre as quais a *Menina e Moça* e o romance «Ao longo da ribeira». A lição deste diverge em muito das acima citadas, inclusive acrescida de quatro versos, suprimidos das outras, provavelmente por motivos editoriais, já que o último destes dá, através de uma rima que não se completa, a indicação de que se tenha perdido pelo menos um verso (cf. Notas ao Romance, v. 83). Assim, «Ao longo da ribeira» é composto por 70 dísticos de rimas paralelas, contados a partir do segundo verso. Em 1957, Asensio publica «Bernardim Ribeiro a la luz de un manuscrito nuevo» <sup>3</sup>, em que transcreve a lição do manuscrito, permitindo que sejam corrigidas as «faltas del texto impreso» <sup>4</sup>. Em 1974, transcreve diplomaticamente (mas com alguma pontuação) as duas lições do romance, editando-as lado a lado <sup>5</sup>. A partir destas transcrições foi feita a presente edição, ou «reconciliação crítica», como justamente a chamou Helder Macedo <sup>6</sup> ao lançar-me, em e-mail de 08 de Junho de 2007, o desafio de fazê-la.

\* Doutor em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio. Ensaísta e Pesquisador de Pós-Doutorado na UFRJ, pelo CNPq. Poeta, autor de *Aquém das Retinas* (2006).

## 2. Critérios de fixação do texto:

Entre o *Manuscrito Asensio/Pina Martins (MAPM)*<sup>7</sup> e o *Cancionero de Romances* s. a. (CR), há 80 versos coincidentes. Excetuando-se o verso que seria o 83, que não há em nenhum dos testemunhos, os outros 64 são, por vezes, muito próximos, por outras, acentuadamente divergentes.

Optou-se, aqui, por não se fazer uma edição científica, mas sim uma «reconciliação crítica» entre os testemunhos. Desta forma, por já haverem sido transcritos no ensaio de Asensio (1974), julgou-se que a indicação das variantes sobrecarregaria a presente edição de notas que pouco contribuiriam para o objetivo maior deste trabalho: a divulgação, tão ampla quanto possível, do magnífico romance quinhentista «Ao longo da ribeira», de Bernardim Ribeiro.

## 3. Critérios de transcrição:

1. Desenvolveram-se todas as abreviaturas, como *mī* para *mim*, forma recorrente em Bernardim Ribeiro (cf. «Antre *mim* mesmo e *mim*»).
2. Foram eliminadas todas as letras mudas, como o *h*- inicial e o medial (*hu* e *he*).
3. Simplificaram-se as geminadas, escrevendo apenas *rr* e *ss* mediais, por representarem, quando intervocálicas, fonemas distintos das formas singelas.
4. O *i* assumiu valor de vogal e semivogal, substituindo o *y* em todos os casos.
5. Foram empregadas as letras ramistas *j* e *v* onde se encontravam *i* e *u* representando aquelas consoantes.
6. Foi regularizada a confusão de emprego de *j* e *g* e de *ç* e *z*.
7. A nasalidade medial foi indicada por *til*, quando à vogal nasal se seguia uma outra vogal, e por *m* ou *n*, quando se seguia uma consoante, conforme a regra atual.
8. Atualizaram-se as formas *rogido* para *rugido*, *sospiro* para *suspiro*, *molher* para *mulher*, bem como *albo* para *alvo*, *çarrar* para *cerrar* e *águoa*, *ágoa* ou *ágoa* para *água*.
9. Mantiveram-se *ũa* e *algũa* (*uma* e *alguma*), por serem as formas usuais do século XVI; *antre* (*entre*), por ser muito freqüente em Bernardim (cf. «Antre *mim* mesmo e *mim*»); *polo*, *pola* e *pera* (*pelo*, *pela* e *para*), por constarem como arcaísmos no Houaiss.
10. Acentuou-se e pontuou-se à moderna.

## 4. «Ao longo da ribeira», romance de Bernardim Ribeiro:

Ao longo da ribeira  
 que vai polo pé da serra,  
 onde me a mim fez a guerra  
 grande tempo grande amor,  
 5 me levou a minha dor.  
 Já era a tarde do dia,  
 e a água dela corria  
 por antre um alto arvoredo  
 onde, às vezes, ia quedo  
 10 o rio e, às vezes, não.  
 Entrada era do verão,  
 quando começam as aves  
 com seus cantares suaves  
 fazer tudo gracioso.  
 15 Ao rugido saudoso  
 das águas cantavam elas:  
 todalas minhas querelas  
 se me puseram diante.  
 Ali morrer quisera ante  
 20 que vir por onde passei.  
 Mas, como digo eu «passei»?  
 Antes nunca hei de passar  
 enquanto i houver pesar,  
 que sempre o i há de haver.  
 25 As águas, que de correr  
 não cessavam um só momento,  
 me trouxeram ao pensamento  
 que assi eram minhas mágoas,  
 donde sempre correm águas  
 30 por estes olhos mesquinhos  
 que têm abertos caminhos  
 polo meio do meu rosto.  
 E já não tenho outro gosto  
 na grande desdita minha.  
 35 O qu'eu cuidava que tinha  
 foi-se-me assi, não sei como,  
 donde eu certa crença tomo  
 que pera me deixar veio.  
 Mas tendo-me assi alheio  
 40 de mim o que ali cuidava,  
 da banda donde a água estava  
 vi um homem todo cão,  
 que lhe dava polo chão  
 a barba e o cabelo.  
 45 Ficando eu pasmado em vê-lo,  
 olhando ele pera mim,  
 falou-me, e disse assim:  
 “Também vai esta água ao Tejo.”  
 Nisto olhei, vi o meu desejo  
 50 estar detrás, triste, só,  
 todo coberto de dó,  
 chorando sem dizer nada,  
 a cara em sangue lavada,  
 na boca posta ùa mão,  
 55 como que a grande paixão  
 força em calar-se fazia.  
 O velho, que tudo via,  
 vendo-me também chorar,  
 começou assi a falar:  
 60 «Eu mesmo são teu cuidado,  
 que noutra terra criado  
 nesta primeiro nasci,  
 e estoutro que está aqui  
 por ti soubeste o que é.  
 65 Por teu mal viste-o, porque  
 nunca te ele esquecerá:  
 a terra ao mar passará  
 primeiro qu'a mágoa em ti.»  
 Quando lhe eu aqui ouvi,  
 70 soltei suspiros ao choro.  
 Ali caramente o foro  
 meus olhos tristes pagaram  
 do bem só que eles olharam,  
 que outro nunca mais tiveram,  
 75 nem no tive, nem mo deram,  
 nem no espero tão-somente.  
 De só ver fui tão contente  
 que pera mais esperar  
 nunca me deram lugar  
 80 olhos com que vos olhei,  
 vivos, como desejei,  
 como nunca vos vi ora.  
 .....  
 Mas nisto, acompanhando  
 85 meus olhos tristes, olhando  
 daquelas bandas d'além,  
 olhei e não vi ninguém.  
 Dei então a caminhar  
 rio abaixo, até o lugar  
 90 onde cerca o monte mor  
 que todos os derredor  
 da banda do meio-dia.

- Ali minha fantasia,  
 d'antre uns medonhos penedos  
 95 donde aves que fazem medos  
 de noite os dias vão ter,  
 me saiu a receber  
 com ùa mulher polo braço,  
 que ao parecer, de cansaço,  
 100 não se tinha já em si,  
 dizendo-me: «Vês aqui  
 a triste lembrança tua.»  
 Minha vista então na sua  
 pus, e dela toda a enchi:  
 105 a prima cousa que vi  
 e a derradeira também  
 neste mundo e no que vem.  
 Seus verdes olhos rasgados,  
 de lágrimas carregados,  
 110 logo, em vendo-os, pareciam  
 que algúas delas corriam  
 contino polas suas faces  
 que foram grão tempo pazes  
 antre mim e meus cuidados.  
 115 Louros cabelos ondados  
 que um negro manto cobria,  
 na tristeza parecia  
 que lhe convinha morrer.  
 Os seus olhos, de me ver,  
 120 como furtados tirou;  
 depois em cheio me olhou,  
 seus alvos peitos rasgando  
 e, a fala espedaçando,  
 em voz disse alta e dorida:  
 125 «Pois houve morte na vida,  
 pera que houve aí viver?»  
 Calou-se, sem mais dizer.  
 E, de mim, gemidos dando,  
 fui-me pera ela chorando  
 130 pera [a] haver de consolar.  
 Nisto pôs-se o sol e o ar,  
 e cerrou-se a noite escura.  
 E disse «Mal à ventura  
 e à vida, que não morri.»  
 135 E muito longe dali  
 ouvi, como d'alto outeiro,  
 chamar «Bernardim Ribeiro!»  
 e dizer «Olha onde estás!»  
 Olhei diante e detrás  
 140 e vi tudo escuridão.  
 Cerrei meus olhos então  
 e nunca os mais abri,  
 e, depois que o ver perdi,  
 nunca vi tamanho bem.  
 145 Porém, inda mal, porém.

## 5. Notas ao Romance:

- Títulos: Há em ambos os testemunhos: em *MAPM*, «Saudade»; em *CR*, «Romance de B. R.»  
 v. 1: O *incipit* do *CR* é «Ao longo de ùa ribeira», uma redondilha maior perfeita, com a sinalefa da preposição *de* com o artigo indefinido *ũa* («Ao / lon / go / de ùa / a / ri / bei / ra»).  
 Ainda, trata-se provavelmente de hipercorreção muito comum no século XVI. No *MAPM*, «Ao longo da ribeira» será isométrico em relação aos demais versos do romance, se a contração *ao* for considerada dissilábica («A / o / lon / go / da / ri / bei / ra»), como frequentemente a utilizam poetas quincentistas, *v.g.* Cristóvão Falcão (*Crisfal*), v. 12: «E ao pastor Crisfal», além do próprio Bernardim Ribeiro, no v. 15 deste romance (cf. nota abaixo), na *Égloga III* («Silvestre e Amador»), v. 36, «Ao longo das ribeiras»; v. 104, «Ao longo da ribeira»; v. 256, «Ao longo deste prado». Além disso, a lição «Ao longo da ribeira» provoca uma leitura, dir-se-ia, *prolongada*, o que semanticamente é mais consoante com o sentido do verso do que a relativamente *abrupta* lição do *CR*.  
 v. 15: Há duas formas de se ler este verso: seguindo a do *incipit*, fazendo portanto hiato na contração *ao* «a / o / ro / gi / do / sau / do / so»; lendo-se *saúdo* com quatro sílabas «ao / ro / gi / do / sa / ù / do / so». Por coerência interna, optou-se pela primeira.

- vv. 23-24: *i = aí*.
- v. 40: Asensio transcreve «de *mi*, o qu'ali cuidava». Todavia, no MAPM, é clara a leitura *mĩ = mim*, aliás muito corrente em Bernardim Ribeiro: «Antre *mim* mesmo e *mim*». Além disso, a forma *mi* não aparece uma vez sequer no texto de «Ao longo da ribeira».
- v. 42: *todo cão = inteiramente encanecido, embranquecido*.
- v. 58: «vendo-me também chorar» não existe no MAPM. Recorreu-se, portanto, à lição do CR para preencher a lacuna.
- v. 60: *são = sou*. A forma latina *sum* deu em português duas formas: *sou* e *são*. Esta última é freqüentemente utilizada por Gil Vicente, contemporâneo de Bernardim Ribeiro e, como este, fiel à medida velha.
- v. 67: Asensio leu «a terra e o mar passará», todavia, no MAPM é claríssima a leitura «a terra ao mar passará».
- v. 69: *aquisto = isto*.
- vv. 80-82: não existem no CR. Recorreu-se, portanto, à lição do MAPM para preencher a lacuna.
- v. 83: não existe em nenhum dos testemunhos.
- v. 112: *contino = continuamente*.
- v. 137: Em ambos os testemunhos está «Bernaldim Ribeiro». Atualizou-se o antropônimo para Bernardim, até mesmo por coerência em relação ao anagrama Bimarder da *Menina e Moça*.

<sup>1</sup> *Romance*: «obra narrativa escrita em língua românica, em prosa ou em verso» (Houaiss).

<sup>2</sup> Cf. Pina Martins, José Vitorino de. «Estudo Introdutório». In: Ribeiro, Bernardim. *História de Menina e Moça*. Reprodução fac-similada da edição de Ferrara, 1554. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 278 e Gornall, John. «Bernardim Ribeiro's "Ao longo da ribeira"» In: *Portuguese Studies* 12. London: Department of Portuguese – King's College, 1996, p. 1: «Its printed history was initially confined to the successive editions of [*Cancionero de Romances*]: Medina, 1550; Antwerp, 1550, 1555, 1568; and Lisbon, 1581.»

<sup>3</sup> In *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 3, tomo I, Rio de Janeiro, Junho, 1957.

<sup>4</sup> Asensio, Eugenio. «El romance de Bernardim Ribeiro "Ao longo da ribeira"». In: *Estudios Portugueses*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, p. 226.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 227-231.

<sup>6</sup> Uma das mais apuradas interpretações de «Ao longo da ribeira» encontra-se em Macedo, Helder. *Do Significado Oculto da Menina e Moça*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Guimarães, 1999, pp. 32-37.

<sup>7</sup> Atualmente, BNL Cod. 11353.

